

UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO CULTURAL DE JOVENS E O PAPEL DA ESCOLA

A LOOK AT CULTURAL YOUTH PRODUCTION AND THE ROLE OF SCHOOL

Sergio Vale da PAIXÃO¹

Resumo: Os olhares atentos a uma nova juventude que vem tomando conta dos espaços sociais a partir de suas próprias produções têm colaborado de forma efetiva para que novos espaços de ser e estar no mundo sejam também reconstruídos. A escola, lugar de excelência na formação humana, apesar dos avanços neste aspecto, tem caminhado a passos lentos na desconstrução de ambientes e métodos de aprendizagem que deixem de lado antigas práticas e venham ao encontro dessa nova configuração de jovens dos últimos tempos. A partir da revisão de literatura como método de pesquisa, procuramos problematizar o papel do jovem e de sua produção cultural na colaboração para um fazer escolar mais atualizado. Este artigo tem por objetivo problematizar a necessidade de a escola observar a produção cultural dos jovens nas esferas virtuais de comunicação com vistas a atualizar suas práticas formativas em que cognição e afetividade caminhem juntas em prol de uma educação integral de qualidade para todos os estudantes.

Palavras-Chave: Juventude. Comunicação virtual. Escola.

INTRODUÇÃO

Um novo cenário de circulação social tem se constituído nos últimos tempos com a expansão das possibilidades de interação via artefatos das tecnologias, produzindo novos modos de se relacionar, ser e estar no mundo. Inúmeros recursos tecnológicos têm possibilitado, em uma proporção cada vez maior, a comunicação virtual de pessoas em ambientes em que os tempos e os espaços já não são marcados pelas suas especificidades cronológicas, temporais e espaciais, mas pelas intensidades vividas. Os casos da interação virtual são exemplos disso, marcados pelas possibilidades de exposição de ideias, desejos e necessidades facilmente publicadas em espaços em que o distanciamento entre locutor e interlocutor facilita o processo de comunicação e interação entre pares.

Tal interação, ainda que marcada, como já citamos, por artefatos da tecnologia, facilmente utilizados pelos usuários desse século, é responsável de forma significativa pela constituição de uma nova configuração do sujeito que tem buscado, a partir dessa nova cultura virtual, constituir-se como pessoa, como ser social e que, ao se expor nas redes sociais de qualquer que seja a forma, apresenta suas ideologias, sua cultura, suas experiências, enfim, seu modo de representação social na atualidade.

Aos usuários dessa rede, aqui entendido como jovens

¹ Doutor em Psicologia pela UNESP; professor no Instituto Federal do Paraná (IFPR) - campus de Jacarezinho. E-mail: sergiovpaixao@hotmail.com  <https://orcid.org/0000-0002-7282-4645>.

(...) incumbe a importante tarefa de “inventar novas armas”, capazes de opor resistência aos novos e cada vez mais ardilosos dispositivos de poder; criar interferências, “vacúolos de não comunicação”, interruptores”, na tentativa de abrir o campo do possível desenvolvendo formas inovadoras de ser e estar no mundo. (SIBÍLIA, 2008 p. 10)

As facilidades, marcadas principalmente pelos distanciamentos a que as tecnologias e espaços de comunicação virtual nos proporciona, nos torna seres também distantes dos outros, dos contatos físicos, das interações que outrora eram marcadas pelas interações “olho no olho”, “face a face”, e nos autoriza a sermos o que queremos ser, uma vez que estamos diante de uma tela onde não há avaliações, julgamentos etc., o que favorece em muito dizer o que queremos dizer, mostrar o que queremos mostrar sem o medo ou pudor do que pensamos e dizem a nosso respeito.

De acordo com Hall (2006), é essa a inovação característica da pós-modernidade em sua avaliação sobre a possibilidade de uma “crise de identidade” atual,

(...) vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p. 07)

Já não seguimos mais as referências marcadas pelos discursos sociais a que a sociedade deveria seguir para ser aceita nos grupos de convivência. Já não nos preocupamos em seguir regras e de sermos conduzidos pelos valores ditos corretos e que devem ser seguidos. O sujeito pós-moderno liberto pelas amarras de uma cultura opressora já se encontra capaz e consciente de que é promotor de sua própria cultura, que é capaz de experimentar e dizer sim ou não aos cânones de uma geração que os precederam que seguiam regras e caminhavam, muitas vezes, sempre na mesma direção. Estamos diante de sujeitos que criam, experimentam e buscam a partir de suas experiências se constituir como pessoa, como seres sociais e, a partir disso, novas identidades se constituem. “Nesse movimento, transformam-se também os tipos de corpos que são produzidos no dia a dia, bem como as formas de ser e estar no mundo que são “compatíveis” com cada um desses universos (SIBÍLIA, 2008, p. 15).

Nesse sentido, “passamos a ser confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2006, p. 13). Tais possibilidades de produção identitária dos usuários das redes são também acompanhadas pelo movimento da apropriação da tecnologia social no ciberespaço, configurando um movimento de apropriação da tecnologia social e resultando em um movimento de diversidade de inúmeros pequenos grupos cujas vozes se conectam e se transformam em ações sociais. Grupos esses organizados por sujeitos que, nas palavras de Hall (2006), são classificados e nos servem aqui para compreender suas concepções de

identidade, como a) sujeito do Iluminismo b) sujeito sociológico e c) sujeito pós-moderno. De acordo com o autor,

(...) o sujeito do Iluminismo estava baseado em uma concepção da pessoa humana como um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia em um núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e se desenvolvia. (HALL, 2006, p. 10)

Concepção de um sujeito sem papel efetivo na construção de uma identidade social fundamentada em interações humanas capazes de modificar sua própria cultura ou a cultura de seu entorno a partir de suas ações no mundo. É entendido como um sujeito biológico sem função social no que diz respeito à produção de culturas.

Já a noção de sujeito sociológico, proposta também por Hall, “refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’” (HALL, 2006, p. 11), que interessavam para o sujeito, os valores, sentidos e, símbolos, ou seja, a cultura dos mundos que o cercava.

Nessa direção, o autor argumenta, entretanto, que outros rumos estão sendo tomados na construção de uma nova identidade cultural. Segundo ele, o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, que compunham as paisagens sociais. Sendo assim, “se produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006, p. 11).

Diante do exposto, é válido considerar nosso público de interesse, jovens estudantes do ensino médio, como sujeitos da pluralidade identitária, envolvidos em inúmeras situações que fortalecem sua cultura por meio de interações sociais de ordem pessoal ou virtual, em tempos de comunicação virtual. Jovens que têm colaborado para a formação de culturas, no sentido plural da palavra, via produções de narrativas pessoais expostas em redes sociais da internet que favorecem a construção de suas próprias identidades, bem como das identidades daqueles que são seus interlocutores nesses espaços de comunicação virtual. De acordo com Sibília (2008, p. 23), “(...) personalidades alterdirigidas e não mais intodirigidas, construções de si orientadas para o olhar alheio ou ‘exteriorizadas’, não mais introspectivas ou intimistas”

Sujeitos da comunicação em rede que se utilizam dos meios comunicativos para produzir cultura de massa, muitas vezes, dispostos a apresentar suas particularidades na internet em uma postura de neutralidade, sem preocupações com as consequências de tais exposições públicas. Pessoas imersas em afetividades e que fazem uso das mesmas, ainda que inconscientemente, para produzirem culturas, matriculados na escola que, muitas vezes, rechaça e impede a produção de subjetividades ao manter suas práticas educativas, em sua rotina, fundamentadas na razão em detrimento da emoção. Sujeitos pós modernos que são múltiplos em seus modos de ser e estar no

mundo, que são capazes de fazer escolhas e de construir sua própria cultura a partir de suas escolhas. Trata-se, em suma, “de um verdadeiro caldeirão de novidades que ganhou o pomposo nome de revolução da Web 2.0 e acabou nos convertendo nas personalidades do momento” (SIBÍLIA, 2006, p. 14).

OS ESPAÇOS SOCIAIS EM SINTONIA COM OS SUJEITOS: DEMANDAS E ADAPTAÇÕES

Com a observância de tais possibilidades comunicativas e principalmente por perceber a fácil apropriação desses sujeitos, considerados nos dias de hoje como pertencentes à era digital, é que se vê tão facilmente as adaptações de ordem social necessárias para a sobrevivência de setores públicos e privados em espaços que, se não se esforçarem em se aproximar das exigências dessa atual geração, correm o risco de não permanecerem presentes por muito tempo. Referimo-nos a essa atual geração, a geração digital, como a Geração “C”, geração do conteúdo e da colaboração, como é conhecido esse público dos consumidores, nascidos após o ano de 1995, com a disseminação da internet e uso do computador pessoal. Geração que se comunica por meio de compartilhamento de informações SMS ou ainda das atuais trocas de mensagens via WattsApp. Da geração das mensagens por meio de *emojicons*/emojins que acelera e traduz o envio de informações por meio de imagens e sons. Geração usuária de inúmeros recursos para satisfazer suas necessidades pessoais de se apresentar socialmente.

Por isso, certos usos dos blogs, fotoblogs, webcams e outras ferramentas como o Orkut e o YouTube seriam estratégias que os sujeitos contemporâneos colocam em ação para responder a essas novas demandas socioculturais, balizando outras formas de ser e estar no mundo. (SIBÍLIA, 2008, p. 23)

Geração também conhecida, segundo Rheingold (2002, p. 20), como “Content Generation ou Generation TxT”.

Internet banking, flexibilidade de horários nos cursos de idiomas, o *drive thru* dos restaurantes *fast food*, ensino na modalidade à distância (EaD) e o que bastante nos interessa nessa discussão: os dispositivos portáteis e espaços virtuais utilizados para comunicação que facilitam as interações em qualquer espaço territorial. Exemplos que podemos citar do que tem sido pensado para viver em uma nova era tecnológica e contemporânea que necessita de tempo e espaço adequados para sobrevivência e que repercutem na produção de subjetividades. Entendemos tais dispositivos portáteis de comunicação como aqueles que “apontam para a incorporação do padrão de vida nômade e indicam que o corpo humano se transformou em um conjunto de extensões ligadas a um mundo híbrido, pautado pela interconexão de redes e sistemas *on e off line*.” (BEIGUELMAN, s/d, p. 1).

A ESCOLA E AS TECNOLOGIAS

Dentre os inúmeros espaços que se transformam diante das novas tecnologias, espaços de interação e de comunicação, é válido ressaltar o importante espaço da escola. Instituição que tem buscado inúmeras possibilidades de trabalho em que os artefatos da tecnologia são utilizados para o desenvolvimento de estratégias de trabalho pedagógico, com o intuito de facilitar, de modo muitas vezes “lúdico”, “prazeroso”, o aprendizado dos conteúdos previstos no currículo escolar.

No entanto, não reconhecer esse sujeito/aluno colabora sobremaneira para o distanciamento entre as propostas de trabalho via recursos tecnológicos e a expectativa dos discentes da atualidade. Reconhecer as especificidades dos espaços de circulação e comunicação em consonância com as características biológicas desse grupo, reconhecendo sua efetiva participação na construção social, histórica e cultural, é, senão, o primeiro passo para um novo pensar a escola e seu papel. Considerar que as aprendizagens ocorrem a partir das inúmeras interações sociais e que a cognição e a afetividade não só podem, mas devem estar juntas pode trazer benefícios para a escola em tempos de evasão e indiferenças por parte do aluno a esse espaço de formação humana que é a instituição escolar.

A chegada de tais artefatos tecnológicos, como televisores, *tablets*, computadores, dentre tantos outros recursos, tem criado certas expectativas de que o descaso, a evasão e a indisciplina por parte dos estudantes e pais em relação à escola, possam ser amenizadas, uma vez que se tem uma nova configuração de escola, de um espaço “que fala a língua dos estudantes”, utilizando-se de uma linguagem bastante presente dos discursos pedagógicos atuais. Sendo assim, defendemos a ideia da aproximação dos supracitados recursos no ambiente escolar dessa cultura digital, pois, como nos orienta Lévy (1999, p. 59), “o ciberespaço suporta tecnologias que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas”.

No entanto, propomos um repensar sobre esse jovem usuário das redes e suas posturas diante dos espaços que utiliza para comunicação e exposição de seus sentimentos para repensar as estratégias de trabalho escolar. É nesse sentido que, *a priori* ou conjuntamente com o pensar a didática e os métodos de ensino inovadores, achamos necessário um aprofundamento naquilo que entendemos ser a principal peça desse processo de ensino aprendizagem: o sujeito que aprende.

Que aluno é esse? Por onde circulam socialmente os jovens da atualidade? Quais recursos utilizam para a produção de cultura? O que esperam da escola e o que a escola espera deles? Dentre tantas outras perguntas, podem colaborar para uma ressignificação dos espaços escolares e da educação como um todo.

E para fortalecer nossa defesa, questionamos o modo como as instituições de ensino têm formulado o conhecimento, tratado das coisas relativas à cognição e afetividade, as “coisas-a-saber” (PÊCHEUX, 2008) a partir de novas tecnologias de interação e comunicação na perspectiva da formação humana de cidadãos que

participam ativamente da construção cultural de seu entorno. De como as escolas estão recebendo esse novo público jovem cada vez mais envolvido em contextos virtuais com linguagens cada vez mais plurais onde a subjetividade se constitui, pois acreditamos que é na linguagem e nas imagens tão utilizadas nessa esfera comunicacional que se “cria universos e com ela construímos subjetividades, nutrindo o mundo com um rico acervo de significações” (SIBÍLIA, 2008, p. 31).

Questionamos o papel da formação escolar no que concerne à emancipação (ADORNO, 1995), à liberdade e autonomia, e de uma educação para os valores (ARAUJO, 2003) na formação de jovens para o hoje e não para um futuro incerto. Defendemos a formação escolar que faça parte da construção da história, da cultura via relações afetivas em que as emoções e subjetividades sejam valorizadas na mesma proporção que a inteligência racional, a cognição.

Uma instituição educativa que compreenda seu papel de formação de seres humanos que precisam estar preparados para o mundo, para a resolução de problemas e para os enfrentamentos da vida, naturalmente, compreende a necessidade de se construir currículos diariamente no dia a dia da escola e, independentemente da carga horária, promove Educação Integral nas ações para e com os alunos. Acreditamos, portanto, que a escola contemporânea, ciente de sua função na Educação Integral dos estudantes, além de revisitar as teorias que fundamentam essa educação libertadora, se comprometem com a reestruturação da escola que se alicerça em propostas e organizações que ressignifiquem os espaços, materiais e o tempo em razão do que se propõe a realizar na instituição. Com base nessas premissas, organizamos em nossa instituição de ensino propostas curriculares e metodológicas quer pudessem colaborar para que, ainda que não tenhamos tempo integral, possamos promover educação integral com os estudantes, conforme explicitamos anteriormente.

A educação escolar tenta encontrar formas de fazer com que aos alunos sejam assegurados os direitos de aprendizagem utilizando-se de diferentes métodos e práticas. Fato é que nem sempre as melhores formas de trabalho, de posturas e métodos colaboraram para que a aprendizagem ocorra de forma como deveria. Culturalmente, a organização institucional escolar configura-se como espaço autoritário e nada democrático, em que a voz do aluno e suas ações não são consideradas no contexto de aprendizagem e, muitas vezes, caladas pela imposição de um currículo sistematizado e pronto como passo a passo a ser seguido pelos professores.

Não obstante, encontram-se imposições políticas e ideológicas também inscritas na cultura escolar, como é o caso dos livros didáticos, que organizam toda a estrutura e prática da escola e das disciplinas e os projetos institucionais já desenhados por materiais paradidáticos que descaracterizam o papel ativo e participativo dos alunos nas construções das aulas e dos projetos de conhecimentos. Nesse sentido, faz-se necessário reconhecer a atual necessidade de se problematizar a estruturação da escola, seus métodos e organizações em busca da construção de um ambiente que considere a atualidade cada dia mais aberta às tecnologias de comunicação e

interação em que se espera um posicionamento social e humano em consonância com tal contexto. A escola, espaço das descobertas por excelência, deve, nesse aspecto, oportunizar a construção dos conhecimentos a partir de uma vertente libertadora capaz de inserir os alunos de forma integral nos espaços sociais em que farão parte ao longo da vida. Mais do que simplesmente conhecer as regras e fórmulas da ciência, que sejam capazes de conhecer o mundo e a si mesmos buscando sua melhor forma, respeitando direitos e deveres, de conviver em espaços sociais com outras pessoas.

Homologado no final de 2017 o mais novo documento norteador do trabalho do professor no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) chega como um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2017, p. 7). O referido documento aponta dez competências gerais da educação básica, dentre as quais há a necessidade de se conhecer, “apreciar-se e ainda cuidar da saúde física e emocional compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e a dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas”. (BRASIL, 2017, p. 10).

O documento surge como forma de unificar os conteúdos básicos a serem trabalhados com os estudantes em todo território nacional e que atenta “à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva.” (BRASIL, 2017, p. 14). Vale destacar que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC – (BRASIL, 2017) aponta, ao longo de seu texto, a necessidade de se construir ambientes de aprendizagem nas escolas que colaborem com a formação integral dos alunos.

PARA NOVOS ESTUDANTES, NOVAS FORMAS DE ENSINAR E APRENDER

Inúmeras pesquisas e discussões acerca do que se pensa sobre o uso das tecnologias para fins didáticos têm sido, inclusive, trazidas para eventos que discutam esses novos espaços de ensino. No que diz respeito ao ensino de línguas, inúmeras possibilidades têm sido apresentadas em eventos organizados para esse fim, motivando e reconhecendo o ciberespaço como lugar de possibilidades pedagógicas e de recursos didáticos disponíveis. A Linguística Aplicada, por exemplo, há tempos tem se debruçado sobre questões inerentes ao ensino e, mais especificamente, sobre o letramento envolvendo práticas de trabalho escolar em espaços sociais acoplados em hardwares e softwares desenvolvidos para inúmeros propósitos para que possam ser utilizados para o desenvolvimento de capacidades de leitura e escrita com os estudantes.

Desse modo e, considerando bastante válidas as iniciativas acima mencionadas, bem como de tantas outras estratégias desenvolvidas em ambientes formais ou não formais de ensino e aprendizagem, é que nos interessa uma melhor compreensão a respeito desse aluno/jovem inserido nesses espaços de comunicação e convivência social/virtual e suas produções nesses espaços marcados pelas facilidades de exposição e diálogos diferentes daqueles encontrados nas interações pessoais face a face. E, assim, sinalizamos o problema na compreensão de como a escola e o uso das tecnologias têm sido campo de interação e produção de conhecimentos pela juventude contemporânea e de que forma essas tecnologias podem ser pensadas como recursos para uma educação dos sentimentos.

Nessa direção, apresentamos nosso interesse em compreender como as tecnologias podem ser úteis para o ensino no que diz respeito à educação em respeito e observando os sentimentos dos estudantes. Para isso, é necessário reconhecer o papel do sujeito/jovem da contemporaneidade na produção de cultura digital; analisar a produção de usuários das redes sociais; problematizar o espaço da escola da contemporaneidade e conhecer de perto o espaço da cibercultura e suas possibilidades para a produção cultural.

Quando tratamos da ideia de produção cultural, referimo-nos às reflexões de Benkler (2006, p. 16) quando argumenta a favor de uma sociedade que produz cultura mais crítica em rede, uma produção cultural emergente trazendo maiores possibilidades de intervenção para além dos limites sociais e de mercado. Acreditamos, assim como Sibília (2008, p. 10), que “tanto na internet quanto fora dela, hoje a capacidade de criação é sistematicamente capturada pelos tentáculos do mercado, que atijam como nunca essas forças vitais e, ao mesmo tempo, não cessa de transformá-las em mercadorias. Por redes sociais, aqui, compreendemos “os ambientes virtuais nos quais os sujeitos se relacionam instituindo uma forma de sociabilidade que está ligada a própria formulação e circulação do conhecimento. (...) E o que mobiliza o ingresso do sujeito nas redes sociais é a alteridade” (DIAS; COUTO, 2011, p. 637)

É assim que dispensamos nossa atenção na compreensão sobre esse sujeito/ usuário/aluno/jovem de hoje. Sujeito que frequentemente se comunica e interage com seus pares em relacionamentos virtuais de comunicação, presentes em um tempo marcado pelo desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e que não mede esforços para fazer circular de modo compartilhado seus sentimentos nos espaços marcados pela informalidade e pelo “distanciamento” em relação ao seu interlocutor.

Parece-nos possível compreender, mesmo hipoteticamente, que tais sujeitos encontraram espaços mais abertos para compartilhar suas experiências singulares e, de uma forma mais aberta e pública, não têm compromisso com o julgamento do outro, seu interlocutor, que como já mencionamos, é bastante comum nas interações face a face. Entendidos também, tais espaços, como nas palavras de Sibília (2008, p. 116),

(...) como novos gêneros confessionais da internet que “se apresentam como tentativas bem atuais de recuperar o tempo perdido na vertiginosa era do tempo real, da falta de tempo e do presente constantemente presentificado.

Entender essa nova configuração de sujeito, de tempos e espaços sinalizados por mudanças é compreender minimamente a necessidade de se repensar a construção de espaços e de práticas sociais de um ser humano que age na rapidez, de um ser humano com a necessidade de compartilhamento de informações e assuntos que se assemelham com a Web 2.0 ou, em tempos de mudanças, com a web semântica. Desse modo, vale a pena retomar como referência, ainda que como forma de exemplificação, as inúmeras situações em que adaptações foram realizadas para atender a esse novo público, a essa nova geração que se faz presente nos dias de hoje. Geração essa pertencente a um “movimento social com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes” (LÉVY, 1999, p. 12).

Podemos chamar de narrativas sentimentais um tipo de produção dos jovens nas redes sociais, com o propósito de publicizar suas intimidades, seus afetos, com seus interlocutores virtuais. Tais produções, como já citamos, muitas vezes são marcadas pela fluidez e espontaneidade daquele que produz, marcadas por uma linguagem despreocupada e dotada de marcas das individualidades do usuário.

Para esses novos espaços, novas formas de comunicação foram instauradas, o que favorece, sobretudo, a agilidade e velocidade da comunicação. Basta observar as inúmeras produções de linguagem que acontecem nos espaços da cibercultura produzidas com o mínimo de caracteres para a impressão do máximo de informações possíveis. As imagens, outra característica bastante presente nos últimos tempos, é outra situação de uma nova configuração tecnológica, em que a fotografia se faz presente para a expressão de linguagem nas redes sociais, uma vez que o acesso a câmeras digitais se tornou bastante fácil, via aparelhos celulares. Em extensão, é importante observar a utilização dos *emoticons/emojins*, que, como o próprio nome já nos conta, a junção de ícones dotados de emoção que expressam os sentimentos por meio de imagens animadas ou não. Os sentimentos dos usuários na rede Facebook são demonstrados pela utilização desse recurso. Ao realizar uma postagem, um post, como é chamado, o usuário é capaz de demonstrar via um *emoticon* como ele está se sentindo naquele momento.

Nessa perspectiva, Sibília (2008, p. 31) comenta também que

Os usos “confessionais” da internet parecem se enquadrar nessa definição: seriam, portanto, manifestações renovadas dos velhos gêneros autobiográficos. O *eu* que fala se se mostra incansavelmente na *web* costuma ser tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem. Além disso, porém, não deixa de ser uma ficção; pois apesar de sua contundente auto-evidência, é sempre frágil o estatuto do *eu*. Embora se apresente como “o mais insubstituível dos seres” e “a mais real, em aparência, das realidades”, o *eu* de cada um de nós é uma entidade complexa e vacilante.

Entendendo essa nova configuração comunicacional e as inúmeras manifestações das linguagens dispostas nas esferas virtuais de comunicação é que se faz necessário um repensar os aspectos formativos dessa nova configuração de uma geração que se faz presente na era das tecnologias e das inovações. Trata-se de entender o sujeito como

(...) corpo humano que se transformou em um conjunto de extensões ligadas a um mundo híbrido, pautado pela interconexão de redes e sistemas on e off line. (...) ao mesmo tempo em que esses corpos são diluídos em uma massa descarnada, feita de informação, essa mesma massa de dados duplica sua existência como telepresença e presença física. (BEIGUELMAN, s/d p.1)

Compreendemos, portanto, o sujeito de nossa problematização não como aquele que apenas se encontra na idade escolar, que o determina como adolescente ou jovem ou por algo que o considere a partir de sua inserção em determinado tempo, mas aquele produzido a partir de contextos sociais múltiplos que os tornam singulares.

“A importância desse percurso está na própria construção epistemológica da juventude e da adolescência, na relevância dos conceitos adotados e, sobretudo, na forma em que estas questões se dimensionam na contemporaneidade” (SILVA; LOPES, 2009, p. 88)

Nesse sentido, compartilhamos da ideia de que

Dividir a vida humana em fases, infância adolescência (ou puberdade), idade adulta e velhice, pode, de início, nos parecer muito natural. Esta divisão nos deixa a impressão de ser um dado da natureza, porque tem claramente como base o crescimento, atravessado pela criança até chegar à plena maturidade na idade adulta, e que termina levando à velhice, de acordo com o curso que a natureza estabelece. Em tudo isso, no entanto, quase sempre cai no esquecimento que os fatores sociais e culturais também desempenham um papel importante (LEMPP, 2006, p. 7)

Desse modo, consideramos esse adolescente, sujeito imerso nas esferas virtuais de comunicação e partícipe de comunidades virtuais/sociais, como o produtor de sua própria subjetividade, “subjetividade essencialmente fabricada e modelada em registros sociais” (GUATARRI; ROLNIK, 1996, p. 31), configurada dentro de espaços e de um tempo característicos de sua época, envolvidos em práticas sociais diferentes das dos adultos que, em espaços escolares, estão ainda exercendo o papel de disseminadores de conhecimentos; conhecimentos que muitas vezes são facilmente encontrados em cliques e dispostos em janelas na rede mundial de computadores, a internet, por meio de signos.

Tais signos, entendidos como os instrumentos de mediação, são particularmente apropriados e, ainda que tornados próprios, trazem a marca do contexto, da época e do grupo social em que se originam. Sendo assim, os signos, portanto, relacionam

sujeito e sociedade, o eu e o outro, fato este explicado por Bakhtin (1995, p. 113) ao referir-se à palavra

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, definome em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

No intuito de colaborar para a compreensão desse grupo que consideramos público de nossa pesquisa, os jovens/estudantes usuários das redes sociais, procuramos nos fundamentar em bases teóricas que possibilitem uma aproximação das mais diversas pesquisas sobre o tema, pois entendemos que, para chegar às nossas possíveis conclusões, seja necessário conhecê-los melhor, tecer com eles interações que favoreçam nosso repensar a temática da juventude nos dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltamos nosso olhar para um sujeito jovem inserido nas esferas de comunicação virtual pertencentes a um contexto social tecnológico, que vai além de entendê-lo como um sujeito apenas biológico. Sujeito nascido na geração da internet e capaz de compor um cenário social atuante em seu cotidiano via manifestações e compartilhamentos nas esferas virtuais de sua comunicação, cheias de lacunas e espaços a serem construídos e desconstruídos que são os espaços do saber, do conhecimento e, por essa razão, entendemos nossa problematização como uma ponte para mudanças, no que diz respeito aos espaços de aprendizagem, que é o espaço da escola.

Levando em consideração nossa real inquietação, é interessante entender de perto a produção cultural desses jovens da atualidade via produção de suas narrativas sentimentais nas redes sociais para buscar compreender as subjetividades constituídas nessa nova geração reconhecida como a geração virtual. Tais investigações possibilitarão compreender a juventude contemporânea e suas relações com as novas tecnologias, bem como um novo pensar os espaços de formação, sobretudo a necessidade de a escola se aproximar dos artefatos tecnológicos e das esferas de comunicação virtual desses jovens, no intuito de favorecer a formação, papel essencial da escola e ressignificar a relação da instituição escolar com esses jovens.

PAIXÃO, S. V. A look at cultural youth production and the role of school. *Educação em Revista*, Marília, v. 22, p. 145-156, 2021, Edição Especial.

Abstract: The attentive looks at a new youth that has been taking over social spaces from their own productions have collaborated effectively so that new spaces of being in the world are also reconstructed. The school, a place of excellence in human formation, despite advances in this aspect, has been moving slowly in deconstructing environments and learning methods that put aside old practices and come to meet this new configuration of young people of recent times. From the literature review as a research method, we seek to problematize the role of young people and their cultural production in the collaboration for a more updated school activity. This article aims to problematize the need for the school to observe the cultural production of young people in the virtual spheres of communication in order to update their training practices in which cognition and affectivity go together in favor of a comprehensive quality education for all students.

Keywords: Youth. Virtual communication. School.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. 1903-1969. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ARAÚJO, Ulisses F. A dimensão afetiva da psique humana e a educação em valores. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BEIGUELMAN, Gisele. *Admirável mundo cibrido*. Disponível em: http://www.academia.edu/3003787/Admiravel_mundo_cibrido. Acesso em 28.01.2014.
- BENKLER, Yochai. *The wealth of the networks: how social production transforms markets and freedom*. New Haven: Yale University Press, 2006.
- DIAS, Cristiane; COUTO, Olívia Ferreira do. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão (SC), v. 11, n. 3, set./dez. 2011, p. 631-648.
- GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.
- LEMPP, R. Prefácio. In: KLOSINKI, G. *A adolescência hoje: situações, conflitos e desafios*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34. 1999.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5. ed. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2008.
- RHEINGOLD, Howard. *Smart Mobs: The next social revolution*. Cambridge: Basic Books, 2002.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SILVA, C. R; LOPES, R. E. Adolescência e Juventude: entre conceitos e políticas públicas. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFScar*. São Carlos, v. 17, n. 2, jul./dez. 2009.

Recebido em: 30/08/2020.

Aprovado em: 30/11/2020.